

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS  
MISSÕES PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CÂMPUS DE ERECHIM  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**LIDIANE SMAGALLA DARIVA**

**A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO PEDAGOGO NO AMBIENTE  
HOSPITALAR**

**ERECHIM - RS**

**2024**

**LIDIANE SMAGALLA DARIVA**

**A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO PEDAGOGO NO AMBIENTE  
HOSPITALAR**

**Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito  
parcial à obtenção do grau de  
Pedagogia, Departamento de  
Ciências Humanas da  
Universidade Regional Integrada  
do Alto Uruguai e das Missões –  
Câmpus Erechim.**

**Orientador(a): Prof. Ms. Anelise Brod**

**ERECHIM - RS**

**2024**

**LIDIANE SMAGALLA DARIVA**

**A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO PEDAGOGO NO AMBIENTE  
HOSPITALAR**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à  
obtenção do grau de Pedagogia, Departamento de Ciências Humanas da  
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões –  
Campus de Erechim.**

**Orientador(a): Anelise Brod**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Ms. Anelise Brod

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de  
Erechim

---

Ms. Denise Sponchiado

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de  
Erechim

---

Dr. Rosane Fátima Vasques

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de  
Erechim

*Dedico este trabalho aos meus pais,  
cujo amor e apoio incondicional  
tornaram este momento possível.  
Obrigado(a) por acreditarem em  
mim, mesmo nos momentos difíceis,  
e por cada exemplo de dedicação.  
Este trabalho é fruto do amor e da  
confiança que sempre me deram.*

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio de muitas pessoas, a quem devo minha gratidão e reconhecimento.

Agradeço, primeiramente, a Deus pela força e pela sabedoria ao longo dessa jornada. Aos meus queridos pais, que, com amor incondicional e apoio em todas as etapas da minha vida, tornaram este momento possível. A vocês, que sempre acreditaram em mim, mesmo nos momentos mais difíceis, e que, com exemplos de dedicação e resiliência, me ensinaram a importância da educação e do esforço, minha eterna gratidão. Obrigado por estarem ao meu lado, por cada palavra de incentivo e por todos os sacrifícios feitos em prol dos meus sonhos, sempre colocando minhas necessidades acima das suas.

Este trabalho é fruto do amor, da confiança e da paciência que sempre me deram, acreditando no meu potencial mesmo quando eu duvidava de mim. Obrigado por cada gesto de carinho, cada conversa nos momentos de incerteza e cada olhar de orgulho que me deu força para seguir em frente. Sem vocês, nada disso seria possível. Cada conquista minha é, também, uma conquista de vocês.

Ao meu namorado, com todo meu carinho e gratidão. Obrigada por cada palavra de incentivo, pelo apoio e pela paciência em cada momento. Obrigada por acreditar em mim, por me motivar e por compartilhar tantos conhecimentos comigo.

À minha orientada Anelise Brod, por sua dedicação, paciência e valiosos ensinamentos. Sua orientação e apoio foram essenciais para a realização deste trabalho, e aprendi muito com seu conhecimento e conselhos. A todos os professores que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação acadêmica, compartilhando seu conhecimento e incentivando o desenvolvimento de uma visão crítica.

E, finalmente, a todos que, de alguma forma, estiveram ao meu lado nesta jornada. Meu sincero agradecimento a cada um de vocês.

*“Mesmo no hospital, a educação  
pode ser um caminho para o alívio e  
a recuperação da criança.”*

*(Rubem Alves)*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar a relevância da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, destacando sua contribuição para o desenvolvimento educacional e emocional de crianças e adolescentes em situação de internação. A pesquisa discute a importância de garantir o direito à educação em condições adversas, bem como o papel do pedagogo em promover a continuidade do aprendizado, o bem-estar psíquico e a inclusão social desses indivíduos. Por meio de uma abordagem teórica e documental, são analisados conceitos de pedagogia hospitalar, legislação pertinente e práticas pedagógicas que podem ser implementadas nesse contexto. O estudo busca evidenciar como a presença do pedagogo no ambiente hospitalar contribui para humanizar a experiência da hospitalização, favorecendo a resiliência e a manutenção de vínculos educacionais e sociais. Ao final, propõe-se uma reflexão sobre os desafios e as possibilidades dessa atuação, ressaltando sua importância no âmbito da educação e da saúde.

**Palavras-chave:** Pedagogia Hospitalar. Pedagogo. Ambiente Hospitalar.

## ABSTRACT

This work aims to explore the relevance of the pedagogue's role in the hospital environment, highlighting their contribution to the educational and emotional development of children and adolescents undergoing hospitalization. The research discusses the importance of ensuring the right to education in adverse conditions, as well as the pedagogue's role in promoting continuity of learning, psychological well-being, and social inclusion for these individuals. Through a theoretical and documental approach, the study analyzes concepts of hospital pedagogy, relevant legislation, and pedagogical practices that can be implemented in this context. The study seeks to demonstrate how the presence of the pedagogue in the hospital setting contributes to humanizing the hospitalization experience, fostering resilience and maintaining educational and social bonds. Finally, a reflection is proposed on the challenges and possibilities of this practice, emphasizing its importance in the fields of education and health.

**Keywords:** Hospital Pedagogy, Pedagogue, Hospital Environment.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. A PEDAGOGIA E A FUNÇÃO DO PEDAGOGO NOS DIFERENTES ESPAÇOS DE ATUAÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1. Breve histórico da Pedagogia .....	12
1.2. A Função do pedagogo e seus diferentes espaços de atuação.....	15
<b>2. A PEDAGOGIA HOSPITALAR E O PAPEL DO PEDAGOGO NO ATENDIMENTO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES HOSPITALIZADOS.....</b>	<b>20</b>
2.1. Como surgiu a Pedagogia Hospitalar? .....	20
2.2. A Pedagogia dentro do ambiente hospitalar:.....	23
<b>3. PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO HOSPITALAR .....</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre pedagogia hospitalar surgiu após uma criança próxima, precisar ficar hospitalizada por um longo período de tempo para tratamento oncológico. Esse afastamento dos amigos e da família, bem como a mudança brusca de rotina, transformaram-na de uma criança ativa em uma criança isolada.

Durante meus estudos na graduação em Pedagogia e minha experiência com crianças e adolescentes, passei a ter contato com ambientes de educação não formal, o que despertou algumas inquietações: existe um pedagogo nesses contextos? Como ele pode ajudar? Que atividades ele desenvolve?

De tal modo, surgiu a curiosidade de explorar o trabalho do pedagogo em ambientes hospitalares, especialmente em relação ao processo de aprendizagem de crianças e adolescentes hospitalizados, para quem o hospital pode se tornar um ambiente assustador. Esse tema é de grande importância para a formação de pedagogos, pois oferece informações relevantes para que estudantes de Pedagogia compreendam o papel desse profissional no ambiente hospitalar, onde ele acompanha e apoia os alunos durante a ausência escolar, em função da internação.

É importante destacar que a Pedagogia evoluiu muito desde sua origem, e a escola deixou de ser o único local de atuação do pedagogo. Novos espaços, como ambientes não formais — hospitais, presídios, empresas e ONGs —, ampliaram o campo de atuação desse profissional.

Para crianças e adolescentes que precisam passar longos períodos hospitalizados, a pedagogia hospitalar tem se mostrado um campo de grande expansão. O papel do pedagogo no ambiente hospitalar vai além do acompanhamento do processo de aprendizagem: ele também contribui para o bem-estar psicológico do paciente, buscando tornar o hospital um espaço menos intimidador.

O presente trabalho tem como tema a Pedagogia Hospitalar e se concentra no papel do pedagogo nesse ambiente, buscando esclarecer quais são suas funções e como ele pode auxiliar crianças e adolescentes hospitalizados. Para a realização desta pesquisa, foi desenvolvida uma revisão bibliográfica, organizada em três seções: a primeira, com um histórico breve da pedagogia e dos espaços de atuação do pedagogo, a segunda, com uma revisão

sobre a pedagogia hospitalar e a importância do pedagogo nesse contexto, e, por fim, a terceira, com sugestões de intervenções pedagógicas no ambiente hospitalar.

## **1. A PEDAGOGIA E A FUNÇÃO DO PEDAGOGO NOS DIFERENTES ESPAÇOS DE ATUAÇÃO**

A Pedagogia é uma ciência que estuda os processos de ensino e aprendizagem, e o papel do pedagogo, tradicionalmente associado ao ambiente escolar, tem se expandido para diversos outros contextos. Hoje, a atuação desse profissional vai além das salas de aula, abrangendo espaços não formais, como hospitais, presídios, empresas e organizações não governamentais.

Em cada um desses ambientes, o pedagogo adapta suas práticas para atender às necessidades específicas dos públicos e contextos, promovendo desenvolvimento humano e inclusão social. Portanto, entender a função do pedagogo em diferentes espaços de atuação permite valorizar sua contribuição para a educação e para a sociedade em geral, destacando a importância de sua formação e versatilidade no enfrentamento de desafios diversos.

### **1.1. Breve histórico da Pedagogia**

A Pedagogia teve seu início no século V, no período clássico, quando se consolidou o uso da razão autônoma, da inteligência crítica e não mais das explicações divinas. Segundo Aranha (2020), surgia a necessidade de elaborar teoricamente o ideal de formação, do cidadão, que deixa de ser apenas um depósito do saber da comunidade para se tornar aquele que elabora a cultura da cidade. E com isso os filósofos começaram a se perguntar: o que é melhor ensinar? Como é melhor ensinar? E para que ensinar?

A palavra *pedagogia* vem da Grécia Antiga *paidagogós*, junção das palavras *paidós* (criança) e *agogé* (condução). Ou seja, a pedagogia está ligada no ato de condução do saber. Na visão de Aranha (2020):

A palavra *paidagogos* nomeava inicialmente o escravo que conduzia a criança, com o tempo o sentido do conceito ampliou-se para designar toda teoria sobre a educação. [...]. Os gregos esboçaram as primeiras linhas conscientes da ação pedagógica e assim influenciaram por séculos a cultura ocidental (Aranha, 2020, p. 35).

Na Grécia Antiga, o termo "pedagogo" se referia aos escravos que tinham a tarefa de acompanhar as crianças até a escola. Embora esses escravos não fossem responsáveis pela educação formal das crianças no ambiente escolar, eles eram submissos a elas e precisavam exercer sua autoridade quando

necessário. Com o tempo, esses escravos acabavam desenvolvendo uma grande habilidade no cuidado e manejo das crianças.

O curso de Pedagogia foi criado no Brasil como consequência da preocupação com o preparo de docentes para a escola secundária. Surgiu junto com as licenciaturas, instituídas ao ser organizada a antiga Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, pelo Decreto-Lei nº 1190 de 1939.

Conforme o decreto – Lei nº 1.190/39, o curso de Pedagogia iniciou juntamente com a criação da Faculdade Nacional de Filosofia, que se estruturou em quatro seções: Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia juntamente com a didática considerada “seção especial”. O curso ficou definido como um curso de bacharelado. A partir daí deu a origem ao conhecido “3+1” pois, para obter o diploma de licenciado era necessário fazer um curso de didática com a duração de um ano, acrescentado ao curso de bacharelado. Formava-se então o bacharel nos primeiros três anos do curso e, posteriormente, após concluído o curso de didática, conferia-se o diploma de licenciado no grupo de disciplinas que compunham o curso de bacharelado.

O curso de Pedagogia tinha como objetivo central, segundo Libâneo (2010, p.46), formar “técnicos em educação”, podendo atuar como professores e dar aula das disciplinas que eram consideradas pedagógicas nas escolas normais. O Curso de Pedagogia, em sua criação, como um bacharelado, tinha como proposta oferecer ao estudante o estudo de diversas áreas disciplinares, com foco em uma formação profissional de caráter mais abrangente. Somente após essa base mais geral é que se buscava, na parte de Didática, uma formação voltada à docência, com ênfase nos conhecimentos e conteúdos curriculares relacionados à dimensão pedagógica.

Um fato importante que aconteceu nessa época foi a Reforma Universitária, reorganizando o ensino superior, modificando principalmente a sua estrutura e organização. As seções citadas acima foram abolidas, os cursos de graduação que funcionavam dentro da faculdade foram distribuídos em outras unidades acadêmicas. As didáticas que eram consideradas uma parte fundamental para a licenciatura, formaram uma disciplina.

Segundo Scheibe e Aguiar (1999) o curso foi dividido em dois blocos distintos e autônomos: um dedicado às disciplinas dos fundamentos da educação e outro às disciplinas das habilitações específicas. Dessa forma, o

curso de Pedagogia passou a se focar na formação de “especialistas” em educação, como supervisores escolares, orientadores educacionais, administradores escolares e inspetores escolares.

Além disso, continuou a oferecer, na forma de habilitação, a licenciatura voltada para o "Ensino das disciplinas e atividades práticas dos cursos normais", permitindo também uma formação alternativa para a docência nos primeiros anos do ensino fundamental. Essa reestruturação refletiu uma tentativa de adaptar a formação pedagógica às novas demandas do sistema educacional, buscando atender melhor às necessidades da educação brasileira na época.

Após um longo período desde sua criação, para a definição da identidade do curso de Pedagogia no Brasil, foi definido que o seu objetivo é formar os profissionais para a educação básica com um olhar que vai além da sala de aula. O profissional formado no curso também poderá atuar em outras funções como gestão escolar, tanto em espaço formais e não-formais de ensino, além de atuar em diversos setores que demandem conhecimentos pedagógicos. Sobre isso, Libâneo (2010) afirma “que o curso de Pedagogia é uma licenciatura, contribuindo para descaracterizar a formação do pedagogo *stricto sensu*.” Para o autor (2010), os pedagogos *stricto sensu* são:

Aqueles especialistas que, sem restringir sua atividade profissional ao ensino, dedicam-se a atividades de pesquisa, documentação, formação profissional, gestão de sistemas escolares e escolas, coordenação pedagógica, animação sociocultural, formação continuada em empresas, escolas e outras instituições (Libâneo, 2010, p. 37).

Libâneo (2010), afirma que o curso de Pedagogia deve formar profissionais qualificados para atuarem em vários campos dentro da área da educação, sendo capazes de lidar não só com as exigências socioeducativas de tipo formal e não-formal, gestão, supervisão e coordenação pedagógicas, mas também com administração do sistema de ensino, no planejamento, nas empresas, nos serviços psicopedagógicos, ou seja o curso de pedagogia deve formar pedagogo *stricto sensu*.

A Pedagogia engloba uma série de processos, métodos e maneiras de ensinar, é um campo de conhecimento que pode ser visto em vários lugares dentro da sociedade como um dos elementos básicos para o ser humano sobre isso Libâneo (2010, p.30) afirma:

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana (Libâneo, 2010, p. 30).

Assim, a educação não é apenas transmitir conhecimentos entendidos como fundamentais. O verdadeiro papel da educação precisa ser significativo na construção do cidadão, que por sua vez, caminhará por diferentes áreas do conhecimento humano. O trabalho do pedagogo é fazer o planejamento, a organização e o desenvolvimento de todas as atividades e materiais que serão utilizados na área da educação.

## **1.2. A Função do pedagogo e seus diferentes espaços de atuação**

O pedagogo é um profissional fundamental no processo educativo, seja em ambientes formais, ou em ambientes não formais. A principal função do pedagogo é promover e apoiar o desenvolvimento integral dos indivíduos, aplicando conhecimentos pedagógicos que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem em diferentes contextos e fases do desenvolvimento humano.

Para Libâneo (2010), o pedagogo

É o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista, objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica. (Libâneo, 2010, p. 33).

Além de atuar diretamente com o ensino, o pedagogo também pode exercer funções relacionadas à gestão escolar, coordenação pedagógica, planejamento de currículos, formação de professores, e até mesmo na criação de programas de capacitação em empresas. A multidisciplinaridade do pedagogo permite que ele atue em diversas modalidades do processo educativo, desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial e Corporativa. Isso faz dele um profissional essencial para a construção de uma educação mais inclusiva, participativa e que atenda às demandas da sociedade em constante transformação.

Este profissional é preparado para atuar de forma específica nas atividades que lhe são determinadas, sempre fazendo com que seu trabalho seja benéfico nas soluções de problemas. Como profissional da educação, o

pedagogo deve dominar diversas técnicas e ter um conhecimento abrangente sobre variados temas. É essencial que saiba argumentar, dialogar e estar sempre em busca de soluções eficazes para os desafios educativos. Sobre isso Matos e Mugiatti (2009, p. 26) afirmam que

O educador deve buscar em si próprio o verdadeiro sentido de “educar”, devem ser exemplo vivo dos ensinamentos e converter suas profissões numa atividade cooperadora do engrandecimento da vida. Para isso, deverão pesquisar, inovar e incrementar seus conhecimentos e expandir sua cultura geral e procurar conhecer e desenvolver novos espaços socioeducacionais que possam, de certa forma, evidenciar uma sociedade mais harmônica em suas diversidades (Matos & Mugiatti, 2009, p. 26).

O pedagogo ocupa um grande espaço na organização do trabalho pedagógico, sendo uma peça essencial no processo de formação que se dá dentro da escola e fora dela. De tal modo, o campo de atuação do pedagogo é amplo, sendo sua ação, de cunho educativo, de extrema importância aos diversos ambientes profissionais, sendo ambientes formais ou não formais tendo como objetivo principal a formação humana na sociedade em que atua. Para Libâneo (2015, p. 125) “[...] o pedagogo é todo profissional que lida com a formação de sujeitos, seja em instituições de ensino, seja em outro lugar”.

Assim, percebe-se que a educação hoje não está somente nas escolas, e na transmissão de conhecimentos pautados da educação que existe dentro dela, e sim nos vários espaços de interação e troca de saberes, vivências e experiências. Sobre isso, Brandão (1981) afirma:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. [...] não há uma única forma nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante (Brandão, 1981, p.01).

Portanto, a educação está presente em todos os lugares dentro e fora de escola, pode-se dizer que o pedagogo pode atuar em espaços formais e não-formais.

Os espaços formais ou a educação formal é a aprendizagem que ocorre dentro da escola, dentro da sala de aula. É uma educação dividida por níveis de

ensino, seguindo horário e o ensino tradicional para Libâneo (2010) há objetivos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática. Para Gadotti (2005 p. 03),

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação (Gadotti, 2005 p. 03).

O pedagogo, dentro do espaço formal além de exercer seu papel dentro da sala de aula como professor regente, pode atuar na direção escolar, coordenação, supervisor, gestor escolar desempenhando diversas tarefas como organizar o calendário letivo, atividades culturais, desenvolver projetos pedagógicos. Nesse sentido, o trabalho do pedagogo é parte do processo de organização da escola, como um todo, em suas estratégias, finalidades, formas de avaliações, organização de gestão escolar, entre outros.

Como já citado acima o pedagogo além de atuar em espaços formais pode atuar em espaços não formais.

A educação não formal é, de fato, um complemento essencial ao ensino tradicional, oferecendo uma abordagem diversificada e prática ao aprendizado. Ela acontece em ambientes menos rígidos que os da educação formal, como escolas e universidades, e traz oportunidades valiosas para o desenvolvimento integral dos indivíduos. Segundo Libâneo (2022, p.30) a educação não formal

Corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas. A educação não-formal seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação (Libâneo, 2022, p.30).

Ao contrário da educação formal, que segue um currículo estruturado em escolas e universidades, a educação não formal é mais flexível, adaptada às necessidades dos indivíduos ou das comunidades. No entanto, ela é planejada e intencional, com o objetivo de proporcionar conhecimento e desenvolvimento de habilidades que favoreçam a interação e a convivência em sociedade.

Gohn (1998) afirma que a educação não formal se refere a um processo pedagógico que ocorre fora do ambiente escolar tradicional, envolvendo práticas e atividades que visam a formação de cidadãos conscientes e participativos. Ela inclui iniciativas desenvolvidas por organizações sociais, culturais, comunitárias ou mesmo instituições privadas que promovem o aprendizado por meio de experiências sociais, culturais e políticas.

Gohn (2016, p. 61) afirma que

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, por meio de organizações sociais, movimentos, programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das atividades das Organizações Não governamentais (ONGs) nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, da educação e da cultura (Gohn, 2016, p. 61).

Esse tipo de educação abrange desde programas sociais e culturais, até oficinas, projetos comunitários, iniciativas de formação política, atividades artísticas e esportivas, entre outros. Além disso, seu caráter intencional visa transformar a realidade dos participantes, promovendo um aprendizado consciente e direcionado a partir de vivências e práticas que não ocorrem de maneira espontânea, mas que são organizadas com propósito específico.

Seguindo o pensamento de Gohn (2016), a educação não formal abrange os saberes e aprendizados que se acumulam ao longo da vida, especialmente por meio de experiências que envolvem a participação social, cultural e política. Esses processos de aprendizado são frequentemente encontrados em contextos como projetos sociais, movimentos sociais e diversas iniciativas comunitárias.

Um aspecto fundamental da educação não formal é a intencionalidade presente nessas práticas. Cada ação educativa é planejada com objetivos específicos, buscando promover o desenvolvimento dos indivíduos e a transformação social. Assim, a educação não formal desempenha um papel crucial na produção do conhecimento, pois se concentra em capacitar os indivíduos a atuarem como cidadãos conscientes e ativos. Gohn (2016) afirma que a educação não formal é um processo de aprendizagem, não uma estrutura simbólica edificada e corporificada em um prédio ou em uma instituição; ela ocorre pelo diálogo tematizado

De acordo com as ideias acima apresentadas, a Pedagogia não está voltada exclusivamente para a educação formal, mas também para a educação

não formal. Neste sentido, ao longo das décadas surgiram diferentes espaços em que o pedagogo pode atuar, além daquele limitada a sala de aula. E entre eles está a pedagogia hospitalar que é o objeto de investigação da presente pesquisa, como foi colocado na introdução do trabalho.

## **2. A PEDAGOGIA HOSPITALAR E O PAPEL DO PEDAGOGO NO ATENDIMENTO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES HOSPITALIZADOS**

A Pedagogia Hospitalar é uma área que busca assegurar o direito à educação de crianças e adolescentes hospitalizados, oferecendo-lhes suporte pedagógico e emocional durante o período de internação. Nessa prática, o pedagogo assume um papel fundamental ao adaptar o processo de ensino-aprendizagem ao contexto hospitalar, promovendo atividades educativas que respeitam as condições de saúde e emocionais dos pacientes.

Mais do que atuar no acompanhamento escolar, o pedagogo hospitalar contribui para que o ambiente de tratamento se torne um espaço menos assustador e mais acolhedor, ajudando a preservar a continuidade dos estudos e a qualidade de vida dos jovens hospitalizados. Dessa forma, a Pedagogia Hospitalar representa uma prática inclusiva e essencial, que ressignifica o papel da educação em espaços não convencionais e contribui para o desenvolvimento integral dos pacientes, promovendo sua autonomia, autoestima e bem-estar.

### **2.1. Como surgiu a Pedagogia Hospitalar?**

A Segunda Guerra Mundial pode ser considerada um grande marco decisório, para o surgimento da Pedagogia Hospitalar, após muitas crianças e adolescentes serem atingidos e impossibilitados de frequentarem a escola por um grande período. De acordo com Vasconcelos (1986),

O grande número de crianças e adolescentes atingidos, mutilados e impossibilitados de ir à escola, fez criar um engajamento sobretudo dos médicos, que hoje são defensores da escola em seu serviço. Em 1939 é criado o C.N.E.F.E.I. – Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada de Suresnes, tendo como objetivo formação de professores para o trabalho em institutos especiais e em hospitais. Em 1939 é criado o Cargo de Professor Hospitalar junto ao Ministério da Educação na França (Vasconcelos, 1986).

Surge, então, a Pedagogia Hospitalar, como uma forma de possibilitar o atendimento educacional dentro do ambiente hospitalar, com as crianças e jovens enfermos que estão necessitados de acompanhamento em seu desenvolvimento, por não estar frequentando o ambiente escolar. Assim, o atendimento pedagógico hospitalar passou a ser oferecido, visando garantir a continuidade do processo de aprendizagem e minimizar os impactos negativos da hospitalização na vida escolar dos pacientes.

Pensando nesse contexto, Oliveira (2013) destaca que o desenvolvimento de atividades educacionais em hospitais europeus foi fundamental para o surgimento do que hoje conhecemos como Classe Hospitalar. O marco inicial desse movimento ocorreu em 1929, na França, quando Marie Louise Imbert implementou a primeira Classe Hospitalar, atendendo 60 jovens três vezes por semana.

Posteriormente, em 1935, segundo Vasconcelos (1986), Henri Sellier inaugura a primeira escola para crianças consideradas "inadaptadas" na França. Esse modelo de educação hospitalar se espalhou para outros países, como Alemanha e Estados Unidos, com o objetivo de garantir o direito à educação para crianças afetadas por tuberculose. Essas iniciativas foram pioneiras na integração da educação ao cuidado médico, reconhecendo a importância do aprendizado para o desenvolvimento integral da criança, mesmo em situações de saúde adversas.

A Segunda Guerra Mundial teve um impacto significativo na necessidade de ampliar os serviços de atendimento pedagógico em ambientes hospitalares, especialmente devido ao grande número de feridos, incluindo muitas crianças e adolescentes. Em resposta a essa demanda, Rocha e Passeggi (2010) destacam a criação do Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada (CNEFEI) em 1939, em Suresnes, França. O objetivo desse centro era formar professores capacitados para atuar em hospitais e instituições especiais.

O CNEFEI continua em funcionamento até os dias atuais, oferecendo um curso de formação de dois anos para professores que desejam trabalhar em classes hospitalares. Além disso, o Ministério da Educação da França instituiu o cargo de Professor Hospitalar, garantindo os direitos e a valorização necessários para esses profissionais. Essas iniciativas foram fundamentais para o desenvolvimento de um modelo educacional que integra cuidados médicos e pedagógicos, reconhecendo a importância da educação no processo de recuperação e bem-estar das crianças hospitalizadas.

No Brasil, segundo Sousa (2021), essa questão também começou a ser notada no início do século XX, com o aumento significativo de crianças internadas em asilos e manicômios, uma prática que havia se tornado comum no país. As razões para isso eram diversas, incluindo: a baixa condição

financeira dos pais, o medo de que a deficiência mental fosse contagiosa, e a percepção de anormalidades.

Com isso, segundo Oliveira (2013), surgiu o primeiro esboço de classe hospitalar, que estava vinculado às origens do ensino especial, embora esse atendimento educativo tenha se restringido a um grupo específico. O atendimento educacional, nesse contexto, ocorreu no Pavilhão-Escola Bourneville, do Hospício Nacional de Alienados (HNA) do Rio de Janeiro, fundado em 1902.

Esse desenvolvimento foi impulsionado por uma série de denúncias direcionadas ao HNA, relatando a falta de condições mínimas de saúde e segurança para as crianças internadas. Muitas delas estavam expostas a situações extremamente precárias, convivendo com adultos e, em alguns casos, em condições de completa nudez, além da escassez de medicamentos e itens básicos como lençóis e materiais de limpeza. Diante dessa realidade, Juliano Moreira, o diretor recém-empossado, solicitou ao governo verbas que atendesse às exigências da população e da mídia, buscando melhorar as condições do hospital e assegurar direitos básicos às crianças ali internadas. Segundo Araujo e Rodrigues (2020),

Essas crianças eram vítimas de um sistema segregatório que demonstrava um total despreparo no processo educacional e no trato com as diferenças. Ainda nesse período não se pensava em integrar as pessoas com deficiência à sociedade ou à família, muito menos incluí-las, sendo as mesmas mantidas em organizações separadas. (Araújo; Rodrigues, 2020, p. 142).

Essa luta por melhores condições não apenas destacou a necessidade de um ambiente mais seguro e saudável, mas também abriu espaço para a inclusão educacional, promovendo a importância da escolarização mesmo em contextos hospitalares.

De acordo com Oliveira (2013), o Hospital Municipal de Jesus, deu início as atividades da Classe Hospitalar em 14 de agosto de 1950. O hospital contava com 200 leitos e 80 crianças internadas, devido a esse número o então diretor do hospital 13 David Pillar solicitou uma professora para atender as necessidades educacionais dessas crianças. Lecy Rittmeyer foi a primeira professora dessa Classe Hospitalar. As aulas eram dadas individualmente,

partindo do que a criança já sabia ou o que ela estava aprendendo na escola, a aula era preparada para dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem.

## **2.2. A Pedagogia dentro do ambiente hospitalar**

Estudando o livro da professora, doutora e mestre Matos e da professora e mestre Mugiatti (2009) foi possível perceber a grande importância da Classe Hospitalar dentro do ambiente hospitalar para as crianças e adolescentes hospitalizados.

A Pedagogia Hospitalar tem como objetivo, dar a continuidade à escolarização para as crianças e adolescentes que estão por um longo período internada. Para as autoras (2009) a Pedagogia Hospitalar é

[...] aquele ramo da Pedagogia, cujo objeto de estudo, investigação e dedicação é a situação do estudante hospitalizado, a fim de que continue progredindo na aprendizagem cultural, formativa e, muito especialmente, quanto ao modo de enfrentar a sua enfermidade, com vistas ao autocuidado e à prevenção de outras possíveis alterações na sua saúde (Matos; Mugiatti, 2009, p. 79).

A educação no setor hospitalar realiza um vasto trabalho, analisando diariamente as situações físicas e emocionais dos alunos/pacientes, seguindo esta linha de pensamento Matos e Mugiatti (2009 p. 47) destacam que a pedagogia no ambiente hospitalar “é o atendimento a uma pessoa, em todas as suas dimensões, e não, simplesmente, da atenção a uma determinada doença.”

O ambiente hospitalar, tradicionalmente é associado ao tratamento de doenças e à recuperação da saúde, também se configura como um espaço carregado de emoções intensas, como dor, angústia, incerteza e, em alguns casos, alegria pela cura. Ao mesmo tempo, pode trazer tristeza quando a recuperação não ocorre como esperado ou diante da perda pela morte. Para o paciente, especialmente crianças e adolescentes, que segundo Matos e Mugiatti (2009, p. 28) “se encontram em pleno período de aprendizagem” o processo de internação interrompe suas relações cotidianas e o seu processo de aprendizagem, impactando tanto sua vida pessoal quanto acadêmica.

Nesse contexto, a Pedagogia Hospitalar se apresenta como uma proposta que integra educação e saúde. Ela busca oferecer suporte pedagógico a crianças e adolescentes hospitalizados, seja por curto ou longo prazo. Para Matos e Mugiatti (2009, p. 30), a Pedagogia Hospitalar deve integrar um trabalho

multidisciplinar, ou seja, a atuação integrada dos diversos profissionais da área da saúde, educação e demais profissionais que proponham ao desempenho cada vez mais qualificado desta nobre tarefa.

Segundo Gomes (2012),

A Pedagogia Hospitalar: Previne o fracasso escolar, que neste caso é gerado pelo longo tempo de afastamento da rotina escolar. É um ramo da educação que proporciona à criança e ao adolescente hospitalizado uma recuperação mais aliviada, por meio de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas. Surge da necessidade de se preocupar não só com o corpo do indivíduo hospitalizado, mas também com o ser integral, atendendo suas necessidades físicas, psíquicas e sociais (Gomes, 2012, p. 02).

Como destacado pelo autor (2012), a Pedagogia Hospitalar, exerce um papel muito importante dentro desse ambiente, pois quando a criança ou adolescente fica internado, caba ocorrendo uma drástica mudança na sua vida, como na rotina escolar que acaba sendo prejudicada por não conseguir frequentar a escola, o que afeta de forma negativa seu andamento escolar.

A integração do pedagogo nesse ambiente tem justamente a finalidade, de propor a continuação da escolarização, no período em que o paciente está internado. Quando uma criança já frequenta a escola, a interrupção de suas atividades escolares devido à internação pode causar um retrocesso no seu aprendizado, já que ela deixa de ter acesso ao conteúdo regular. Nesse sentido, a Pedagogia Hospitalar busca minimizar essa interrupção, permitindo que a criança ou jovem mantenha o ritmo de seus estudos. Matos e Mugiatti (2009) afirmam:

A proposta do pedagogo em uma classe hospitalar é dar continuidade às atividades escolares de crianças e adolescentes, da educação infantil ao ensino fundamental, que ficam internadas por um longo período. A classe hospitalar busca recuperar a socialização desses jovens e crianças por um processo de inclusão, dando-lhe continuidade a sua aprendizagem, surgindo então, um processo educativo que propõe aos educadores novos desafios e possibilidades de construção de novos conhecimentos e atitudes (Matos e Mugiatti, 2009).

Acompanhando essa linha de pensamento, Matos e Mugiatti (2009, p. 47), destacam que a Pedagogia no ambiente hospitalar

É um suporte psico-sóciopedagógico dos mais importantes, porque não isola o escolar na condição pura de doente, mas, sim, o mantém integrado em suas atividades da escola e da família e apoiado pedagogicamente na sua condição de doente (Matos e Mugiatti, 2009, p. 47).

Dessa forma, pode-se afirmar que, o suporte pedagógico no ambiente hospitalar não se limita apenas ao desenvolvimento intelectual da criança ou do adolescente. Ele exerce um papel fundamental no atendimento integral do indivíduo, considerando suas necessidades físicas, emocionais e sociais. A Pedagogia Hospitalar busca, portanto, proporcionar um desenvolvimento completo, auxiliando não apenas na continuidade dos estudos, mas também no processo de adaptação ao tratamento, na socialização e no enfrentamento das dificuldades que surgem durante a hospitalização.

O papel do pedagogo hospitalar vai além de proporcionar continuidade escolar. Sua presença é fundamental para que a criança hospitalizada se sinta menos isolada, pois ao participar das atividades pedagógicas, ela experimenta um ambiente mais próximo da sua rotina escolar, o que pode amenizar a saudade desse contexto. Além disso, esse suporte contribui para elevar a autoestima da criança, que se sente acolhida e produtiva durante o período de internação.

Nesse processo, o pedagogo precisa estabelecer uma ponte entre o hospital, a escola e a família. Isso inclui entrar em contato com a instituição de ensino para saber qual série o aluno frequenta e o conteúdo que estava sendo trabalhado em sala de aula. O trabalho conjunto entre pedagogo, hospital e família é crucial para garantir que o atendimento seja personalizado e eficaz.

Como dizem Silva e Farago (2014):

Partindo-se da hipótese de que a presença e atuação de um pedagogo no ambiente hospitalar são de extrema importância às crianças e adolescentes em fase escolarização, como forma de dar continuidade ao seu aprendizado, garantindo-lhes seu direito a educação e possibilitando instantes lúdicos, de descontração, bem estar, interatividade e de compartilhamento e aquisição de novos conhecimentos, de modo a preencher seu tempo ocioso de forma sadia, através de atividades variadas, fazendo com que se „desliguem“ temporariamente, do momento tão difícil que estão atravessando. (Silva; Frago, 2014, p. 167).

É fundamental que o pedagogo hospitalar esteja aberto não apenas a ensinar, mas também a aprender com seus alunos. Cada criança ou adolescente traz consigo uma bagagem cultural, emocional e social única, o que exige do profissional sensibilidade para respeitar essas diferenças. Ele deve compreender

que cada aluno possui necessidades específicas, e aquilo que funciona para um estudante pode não ser eficaz para outro.

Por essa razão, o pedagogo precisa adotar uma abordagem flexível, utilizando diversas metodologias de ensino. A diversidade de estratégias pedagógicas é essencial para garantir que todos os alunos tenham uma experiência de aprendizado satisfatória, respeitando seus ritmos, capacidades e contextos. Essa adaptabilidade é o que permite ao pedagogo atender de forma inclusiva às necessidades individuais, promovendo uma aprendizagem significativa para cada criança ou adolescente, mesmo em um ambiente tão desafiador quanto o hospitalar. Segundo Matos e Mugiatti (2009, p. 23)

O inovar, abrir novos caminhos nunca foi tarefa das mais fáceis. A grande dificuldade daquele que ousa buscar o novo não está nos percalços do devir, mas no forte enraizamento das resistências do vigente que, de repente, vê seus valores esvaecerem diante de outros mais abrangentes Matos e Mugiatti (2009, p. 23).

O professor da classe hospitalar deve pesquisar, inovar e incrementar seus conhecimentos e expandir sua cultura geral e procurar conhecer e desenvolver novos espaços socioeducacionais nos hospitais que possam, de certa forma, evidenciar uma sociedade mais harmônica em suas diversidades. Para Esteves (2012) o pedagogo hospitalar deverá elaborar projetos para que as crianças e adolescentes hospitalizados mantenham contato com sua escolarização para a construção do processo de ensino e aprendizagem.

Sobre isso, Esteves (2012) afirma:

O trabalho do professor hospital é muito importante, pois atende as necessidades psicológicas e sociais e pedagógicas das crianças e jovens. Ele precisa ter sensibilidade, compreensão, força de vontade, criatividade persistência e muita paciência se quiserem atingir seus objetivos (Esteves, 2012 p.6).

Para Souza, Dias, Silva e Perpétuo (2018) há vários métodos que o pedagogo pode utilizar para propiciar a aprendizagem e o desenvolvimento desses pacientes, como o lúdico, através dos jogos, brincadeiras, possuindo roupas diversificadas para não se assemelhar com os médicos fazendo os educandos exercerem sua criatividade e sintam o prazer em estudar.

Para Tineé e Ataíde (2012),

A classe hospitalar vem com objetivo de realizar um trabalho muito mais amplo e significativo para a vida da criança hospitalizada, já que

ela não se detém apenas em cumprir o currículo escolar, muitas vezes burocrático. Ela apresenta um olhar muito mais sensível sobre o escolar hospitalizado, procurando, então, atender também as necessidades sociais e afetivas juntamente com a necessidade intelectual dessas crianças (Tineé; Ataíde, 2012 p.8).

A pedagogia no ambiente hospitalar desempenha um papel crucial ao oferecer suporte educacional e emocional para crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade devido à hospitalização. Por meio de ações pedagógicas adaptadas, o pedagogo não apenas assegura a continuidade do aprendizado, mas também colabora para a criação de um ambiente mais acolhedor e humanizado. Essa atuação contribui significativamente para minimizar o impacto emocional da internação, promovendo a resiliência e fortalecendo os vínculos sociais dos pacientes, reafirmando a importância da educação como um direito universal, mesmo em contextos adversos.

### **3. PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO HOSPITALAR**

A atuação do pedagogo hospitalar descrita por Matos e Mugiatti (2009) destaca a importância de conhecer a realidade da criança ou adolescente hospitalizado para planejar atividades adequadas às suas condições e necessidades. Esse conhecimento permite ao pedagogo desenvolver um plano pedagógico que leve em consideração não apenas o aspecto educacional, mas também o emocional e psicológico da criança, o que é crucial em um ambiente hospitalar.

O convite para participar de uma aula ou ouvir uma história deve ser feito com sensibilidade, respeitando a disposição da criança ou adolescente. Esse cuidado é fundamental, pois, além das questões de saúde, a hospitalização muitas vezes afeta o estado emocional e físico, tornando necessária uma abordagem mais humanizada e flexível no processo de ensino. Dessa forma, o pedagogo hospitalar desempenha um papel que vai além da educação formal, promovendo também conforto, distração e alívio no ambiente hospitalar.

Uma das propostas para o atendimento pedagógico em hospitais segundo Fontes (2005, p.122) é acionar o lúdico como meio de comunicação com a criança hospitalizada” fazendo o enfermo esquecer o ambiente agressivo em que está inserida é “conhecer e desmistificar o ambiente hospitalar, ressignificando suas práticas e rotinas”, fazendo desaparecer o medo que é presente na vida das crianças e jovens hospitalizados, surgindo, em seu lugar, a intimidade com o espaço e a confiança naqueles que ali atuam.

O envolvimento das crianças em atividades pedagógicas no ambiente hospitalar desempenha um papel essencial na promoção de seu bem-estar emocional. Quando participam dessas atividades, as crianças conseguem se desconectar temporariamente da realidade da internação, o que pode diminuir a ansiedade em relação à alta médica. O contato com educadores e outras pessoas, mesmo que limitado, favorece a valorização pessoal e social, estimulando sua autoestima e criando momentos de normalidade em um ambiente adverso.

No entanto, o atendimento deve ser planejado com cuidado, especialmente para aqueles que estão restritos aos leitos. Cronometrar adequadamente as atividades é importante para evitar o cansaço e sobrecarga.

Crianças hospitalizadas geralmente têm limitações físicas e emocionais que precisam ser respeitadas. Atividades curtas, leves e ajustadas ao estado de saúde contribuem para que a criança participe sem se esgotar, maximizando os benefícios terapêuticos e pedagógicos do atendimento.

As contribuições da prática pedagogo dentro do ambiente hospitalar são inúmeras, segundo Wolf (2011, p. 02),

A prática do pedagogo se dará através das variadas atividades lúdicas e recreativas como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização, desenhos e pinturas, a continuação dos estudos no hospital. Essas práticas são as estratégias da Pedagogia Hospitalar para ajudar na adaptação, motivação e recuperação do paciente, que por outro lado, também ocupará o tempo ocioso (Wolf, 2011, p. 02)

A contação e interpretação de histórias é uma prática amplamente utilizada em contextos hospitalares justamente pelo seu potencial de estabelecer laços afetivos e proporcionar momentos de companheirismo entre as crianças e os pedagogos ou contadores. Conforme apontado por Belancieri et al. (2018 p.59), esses encontros permitem a manifestação de emoções e sentimentos relacionados ao processo de hospitalização, como a insegurança, o medo e a angústia diante dos procedimentos médicos. Isso ocorre porque a narrativa cria um ambiente seguro e acolhedor, onde a criança pode se expressar de forma indireta e simbólica.

A contação de história possibilita que as crianças imaginem e visualizem cenas de formas diversas, estimulando a criatividade, a inteligência e a socialização. Através da escuta de histórias, as crianças podem explorar novas realidades, ampliar seus horizontes e lidar com suas próprias emoções de maneira lúdica.

Além disso, o ato de contar histórias em ambiente hospitalar também desperta o prazer pela leitura, oferecendo um escape mental que permite às crianças viajarem para outros mundos e aliviar o estresse da hospitalização. Essa atividade não apenas contribui para o desenvolvimento cognitivo e criativo, mas também funciona como uma intervenção terapêutica, trazendo conforto e promovendo o bem-estar emocional durante o tratamento médico.

O ato de brincar durante a hospitalização tem um impacto extremamente positivo no bem-estar da criança, servindo como uma ferramenta importante para aliviar o estresse e a ansiedade causados pela doença e pelo ambiente

hospitalar. A aplicação do brinquedo terapêutico é um exemplo de como o brincar pode transformar a experiência de internação, tornando-a menos hostil e mais acolhedora. Esse recurso ajuda a criança a expressar suas emoções de maneira saudável, enquanto oferece um alívio temporário das preocupações relacionadas à sua condição médica.

Além disso, a participação ativa de um adulto na brincadeira — seja um familiar, educador ou profissional de saúde — contribui para o fortalecimento de laços afetivos. Quando um adulto se envolve nesse processo, a criança percebe o gesto como uma demonstração de amor e cuidado, o que aumenta a sensação de segurança e conforto. Esse vínculo emocional permite que a criança aprenda, por meio do brincar, a enfrentar seus medos e a lidar melhor com os desafios da hospitalização.

A interação lúdica não apenas facilita a superação da ansiedade, mas também ensina a criança a lidar com suas emoções, promovendo seu desenvolvimento emocional e psicológico. A presença do adulto, que demonstra interesse genuíno, reforça ainda mais essa aprendizagem, mostrando à criança que ela não está sozinha nesse processo e que, com apoio, é possível enfrentar suas preocupações com mais coragem.

Um lugar para ser utilizado nesse tempo em que a criança ou adolescente está internado é a brinquedoteca, garantindo ao paciente o ato de brincar a continuidade do “ser criança”, sendo um local de entrosamento entre as crianças, seus acompanhantes, e o convívio com outras crianças, assim como um ambiente de diálogo entre acompanhantes e equipe.

A criação de uma brinquedoteca em ambiente hospitalar oferece um espaço fundamental para o bem-estar da criança durante a hospitalização. Embora o período de internação seja inevitavelmente associado a sentimentos negativos, como medo, ansiedade e insegurança, a brinquedoteca se destaca como um refúgio acolhedor, capaz de transformar a experiência hospitalar em algo mais positivo e suportável. Nesse espaço, a criança encontra alegria, confiança e segurança, além de oportunidades para interagir com outras crianças, o que facilita a socialização e reduz a sensação de isolamento.

Este espaço também ajuda a tornar o ambiente hospitalar mais familiar e prazeroso, contribuindo para que a criança se sinta mais tranquila e confortável durante a sua estadia. Ao oferecer atividades lúdicas e recreativas, ela permite

que a criança experimente momentos de descontração e diversão, mesmo em meio ao tratamento médico. Isso não apenas alivia o estresse e o medo, mas também promove um ambiente que apoia o desenvolvimento emocional e social da criança, fazendo com que a hospitalização se torne menos dolorosa e mais humanizada.

Em resumo, a brinquedoteca atua como um recurso terapêutico e de apoio, proporcionando à criança um espaço onde ela pode ser criança, brincar, aprender e se sentir cuidada, contribuindo diretamente para o seu processo de recuperação e bem-estar geral. Por acreditar na importância do pedagogo dentro do ambiente hospitalar, a seguir apresentam-se ideias de propostas pedagógicas para serem realizadas dentro desse ambiente:

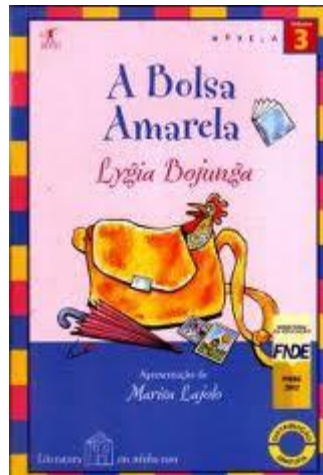
**a) Contação de história:**

A contação de história dentro do ambiente hospitalar pode ser realizada de forma adaptada, para conseguir atender as necessidades de cada paciente. Uma história pode ser contada de forma individual ou em pequenos grupos, dependendo das condições físicas dos pacientes, se o paciente estiver acamado, pode ser adaptada para ser contado ao lado do leito. O tom de voz deve ser suave, para criar um ambiente calmo e acolhedor.

Em uma contação de história pode ser utilizados diversos recursos como, fantoches ou objetos, ilustrações, recursos digitais. Incentive a participação da criança, perguntando como ela acha que a história deve continuar, ou como ela se sente em relação aos personagens. Permita que a criança escolha partes da história ou até crie o próprio final, o que ajuda a fortalecer o senso de controle em um ambiente onde elas podem sentir que têm pouca autonomia.

A contação de histórias no hospital tem também um papel terapêutico, pois pode criar um momento de conexão entre o contador e a criança. Falar sobre os sentimentos dos personagens e fazer paralelos sutis com a realidade hospitalar pode ajudar a criança a processar suas próprias emoções.

Figura 1: Capa do Livro A Bolsa Amarela.



Fonte: <https://armazemdecultura.wordpress.com/2015/04/13/dica-de-segunda-a-bolsa-amarela-lygia-bojunga-especialdeliteraturainfantil/>

A história *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, conta a história de uma menina que sonha em ter sua liberdade e enfrenta seus medos. É uma narrativa que explora a fantasia e a imaginação, ajudando as crianças a lidarem com sentimentos complexos.

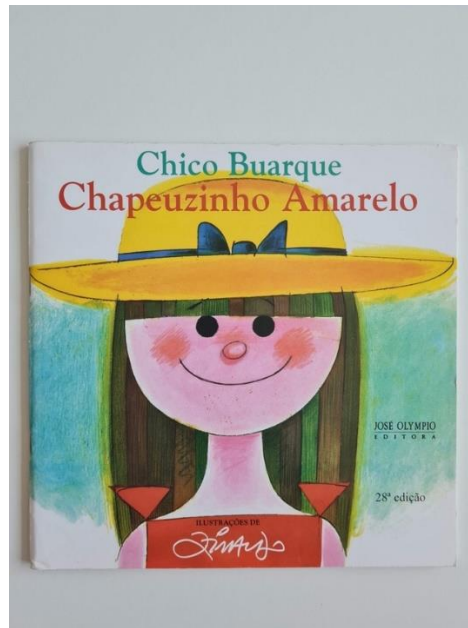
Figura 2: Capa do Livro: O Monstro das Cores



Fonte: <https://www.miudosdaterra.pt/o-monstro-das-cores>

O livro *O Monstro das Cores*, de Anna Llemas, aborda de uma forma simples e lúdica os sentimentos e as emoções, cada cor representa um sentimento, amarelo para a alegria; azul para a tristeza; vermelho para a raiva; preto para o medo; verde para a calma. Este livro é uma excelente ferramenta para as crianças entenderem e expressar o que estão sentindo.

Figura 3: Capa do Livro: Chapeuzinho Amarelo



Fonte: <https://recontolivrraria.com.br/produtos/chapeuzinho-amarelo/>

O livro *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, utiliza uma linguagem lúdica e poética, repleta de trocadilhos e jogos de palavras, para mostrar às crianças que enfrentar os próprios medos pode torná-los muito menores do que parecem. O livro é também uma bela metáfora sobre como o medo pode crescer quando não o enfrentamos, e como ele diminui quando o encaramos de frente.

#### **b) Atividades pedagógicas adaptadas:**

##### **1. Oficina de fantasias:**

As crianças podem criar suas próprias fantasias, usando papéis coloridos, tecidos e adesivos. Elas podem escolher ser personagens de histórias como super-heróis ou princesas. O ato de vestir-se como alguém "poderoso" ajuda a fortalecer a autoestima e a confiança. Esta atividade é excelente para trabalhar a criatividade, habilidades motoras e ajudar na expressão emocional e enfrentamento de medos.

##### **2. Caça ao Tesouro Hospitalar:**

O pedagogo ou a equipe hospitalar pode esconder pequenos objetos ou pistas no quarto ou corredor da ala pediátrica (caso a mobilidade da criança permita). Com um mapa simples ou instruções, a criança vai em busca do

"tesouro". Para crianças com mobilidade limitada, a busca pode ser feita no próprio leito, com pistas escondidas em seus arredores. Esta atividade trará para um momento de descontração e interação com o meio em que está inserida.

### 3. Escrevendo cartas para “amigos secretos”:

As crianças podem escrever ou desenhar cartas para outras crianças internadas, ou até para membros da equipe médica. Essas cartas podem ser entregues anonimamente, criando uma rede de gentileza dentro do hospital. Com esta atividades as crianças estimularão a leitura e escrita e criando um conexões e empatia com o próximo.

### 4. Jogo das emoções:

Utilizando cartões com desenhos de rostos que expressam diferentes sentimentos (alegria, tristeza, medo, raiva), o educador pede à criança que escolha um cartão e fale sobre uma situação em que se sentiu assim. Essa atividade é especialmente útil para crianças que podem estar lutando para expressar sentimentos sobre a hospitalização. Com esta atividade será estimulado a comunicação social e a regulação dos sentimentos e emoções.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como propósito entender a importância do pedagogo no ambiente hospitalar. Em primeiro lugar, foi realizada uma breve pesquisa para compreender as origens da pedagogia e, posteriormente, o surgimento da pedagogia hospitalar. Foram apresentados os espaços de atuação de um pedagogo, incluindo o ambiente hospitalar, destacando sua relevância nesse contexto. Por fim, foram sugeridas algumas atividades para pedagogos que atuam ou atuarão nessa área.

Explorar esses temas foi essencial para responder à pergunta de pesquisa: qual é o papel e a relevância da prática do pedagogo no ambiente hospitalar com crianças e adolescentes hospitalizados? Constatou-se que o pedagogo hospitalar desempenha um papel crucial, oferecendo suporte fundamental para as crianças e adolescentes internados, trazendo atividades lúdicas ao ambiente hospitalar e incentivando o aprendizado mesmo fora do ambiente escolar convencional. Esse envolvimento pedagógico ajuda os pacientes a se distraírem da situação que estão enfrentando.

Ao longo da pesquisa, também se buscou atingir os objetivos propostos inicialmente, sendo o objetivo geral: investigar e identificar o papel e a relevância da prática do pedagogo no ambiente hospitalar com crianças e adolescentes hospitalizados. Esse objetivo, conforme discutido anteriormente, foi alcançado com êxito. Além disso, foi possível perceber que a atuação do pedagogo hospitalar vai além do simples suporte educacional, sendo uma prática que envolve aspectos emocionais e sociais.

A presença desse profissional contribui para a humanização do ambiente hospitalar, proporcionando às crianças e adolescentes uma sensação de normalidade e continuidade em suas rotinas de aprendizado. As atividades educativas e lúdicas realizadas por esses profissionais não apenas auxiliam no desenvolvimento cognitivo, mas também têm um impacto positivo na saúde mental dos pacientes, reduzindo o estresse, a ansiedade e a sensação de isolamento, fatores comuns em pacientes que enfrentam longas internações. Dessa forma, o trabalho do pedagogo hospitalar se revela fundamental para a recuperação integral do paciente, promovendo não apenas o cuidado físico, mas também o bem-estar emocional e psicológico.

Para possíveis estudos futuros sobre a Pedagogia Hospitalar, pode-se explorar a ampliação do papel do pedagogo dentro de diferentes contextos hospitalares, abordando como ele pode colaborar de forma mais efetiva com outras equipes multidisciplinares, como médicos, psicólogos e enfermeiros, para promover uma abordagem mais integrada no cuidado ao paciente. Além disso, seria relevante investigar o impacto das atividades pedagógicas no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças e adolescentes hospitalizados, bem como a eficácia das metodologias lúdicas e interativas no processo de recuperação e adaptação desses pacientes ao ambiente hospitalar.

Conclui-se que o tema desta pesquisa é bastante amplo, pois a Pedagogia Hospitalar vai além dos paradigmas do ensino regular, exigindo do pedagogo uma preparação rigorosa, comprometimento total e uma especialização que aborde desde as bases legais e históricas até a aplicação prática de um ensino humanizado. Portanto, este trabalho não se encerra aqui, pois há muito a ser explorado, pesquisado e discutido acerca dessa temática, que é de grande relevância na área da pedagogia.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

BELANCIERI, Maria Fátima; RODRIGUES, Kátia Regiane; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; REIS, Verônica Lima dos. **Pedagogia hospitalar: intervenções na unidade pediátrica a partir da contação de histórias**. 2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/sem/v39n1/a05.pdf>. Acesso em: 18 out. 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. Brasiliense, 1982.

CAVALCANTE, Luciana Matias; JUNIOR, Carlos Jose Costa; SOUZA, Alexandro da Silva. **A pedagogia no seu contexto histórico acerca da sua identidade**. 2013. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2013/Trabalho\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_50\\_d45e054ee66ad2745fc50cb12ef6a77c.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2013/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_50_d45e054ee66ad2745fc50cb12ef6a77c.pdf). Acesso em: 20 jul. 2024.

ESTEVES, Claudia R. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico**. 2012. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2013/06/HIST%C3%93RICO-DA-PEDAGOGIA-HOSPITALAR.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2024.

FONTES, Rejane. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital**. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gJN94n3wRvTyCZnPnnJzQzv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2024.

GADOTI, Moacir. **A questão de educação formal/não formal**. 2005. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod\\_resource/content/1/eudca%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal\\_formal\\_Gadotti.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod_resource/content/1/eudca%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal_formal_Gadotti.pdf). Acesso em: 5 nov. 2024.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal em instituições sociais**. Revista Pedagógicas, Chapecó, dez. 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/lidiane%20dariva/Downloads/admin,+Miolo\\_Pedag%C3%B3gica-n.39-art3.pdf](file:///C:/Users/lidiane%20dariva/Downloads/admin,+Miolo_Pedag%C3%B3gica-n.39-art3.pdf). Acesso em: 25 jun. 2024.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal: um novo campo de atuação**. Rio de Janeiro, dez. 1998. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ensaio/v06n21/v06n21a05.pdf>. Acesso em: 24 out. 2024.

GOMES, Janaina Oliveira. **Pedagogia hospitalar: a relevância da inserção do ambiente escolar na vida da criança hospitalizada**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 3, 2012. Disponível em:

<https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/janaina.pdf>. Acesso em: 30 set. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: A Humanização integrando educação e saúde**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUNDIM, Joice Silva Marques; BORGES, Isadora Costa; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. **Pedagogia hospitalar: um estudo teórico-prático sobre as contribuições, práticas pedagógicas e metodologias**. Disponível em: <file:///c:/users/lidiane%20dariva/downloads/1081-texto%20do%20artigo-5407-2-10-20200608.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

OLIVEIRA, Marcela Ayres Rocha de. **A atuação do pedagogo em espaços educacionais não escolares**. Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3139/1/Monografia%20Marcela%20Ayres%20Rocha%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.

OLIVEIRA, Rosane Machado. **As contribuições pedagógicas não formais ao desenvolvimento humano**. 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/as-contribuicoes-pedagogicas>. Acesso em: 26 jun. 2024.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho. **História da classe/escola hospitalar: no Brasil e no mundo**. 2013. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO\\_EV047\\_MD1\\_SA5\\_ID143\\_05052015093744.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO_EV047_MD1_SA5_ID143_05052015093744.pdf). Acesso em: 30 set. 2024.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. **Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas**. RBEP: Estudos, Rev. Bras. Estud. Pedagog. (online), Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set./dez. 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/lidiane%20dariva/Downloads/Educacao\\_ nao\\_escolar\\_como\\_campo\\_de\\_praticas\\_pedago.pdf](file:///C:/Users/lidiane%20dariva/Downloads/Educacao_ nao_escolar_como_campo_de_praticas_pedago.pdf). Acesso em: 20 jul. 2024.

SILVA, Aline da Conceição. **A pedagogia hospitalar e a prática do pedagogo hospitalar**. 2018. Disponível em: [A PEDAGOGIA HOSPITALAR E A PRÁTICA DO PEDAGOGO.pdf](#). Acesso em: 20 jun. 2024.

SILVA, Roberta da; FARAGO, Alessandra Corrêa. **Pedagogia hospitalar: a atuação do pedagogo em espaços não-formais de educação**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, v. 1, n. 1, p. 165-185, 2014. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074320.pdf>. Acesso em: 30 set. 2024.

SOARES, Silvon Ferreira dos Santos; MOREIRA, Divânia Deltrude. **Atuação do pedagogo em espaços não formais de educação**. 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/relpe/article/view/13612/19513>. Acesso em: 5 jun. 2024.

SOUSA, Jaqueline Almeida; FERREIRA, Lúcia Gracia. **Educação em espaços não escolares: o centro de referência em assistência social como campo de desenvolvimento educacional pedagógico**. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/3984/3192>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SOUZA, Aline Alves. **O trabalho do pedagogo em espaços hospitalares: desafios e possibilidades**. 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/61111/1/TCC%20Aline.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SOUZA, Letícia Meireles de; REIS DIAS, Gleicieli Karine dos; SILVA, Fabrícia Lino; PERPETUO DA, LOPES, Claudia. **Pedagogia hospitalar: conceito e importância frente aos direitos da criança hospitalizada**. EDUCERE, 2018. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/educere/article/view/6797/3618>. Acesso em: 17 jun. 2024.

TELES, Fabricia Pereira. **A pedagogia hospitalar como prática humanística: relato de uma experiência exitosa no município de Oeiras-PI**. 2014. Disponível em: PEDAGOGIA HOSP. COMO PRÁTICA HUMANÍSTICA.pdf. Acesso em: 21 jun. 2024.

TINEÉ, Carolina Alves; ATAIDE, Sandra Patrícia. **A atuação do pedagogo hospitalar: cuidados e práticas educativas no contexto da hospitalização de crianças e adolescentes**. Revista Conexões de Educação, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rce/a/vnHp5GdChv6hcmck2ngWQnt/?lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2024.

TINEÉ, Carolina Alves; ATAIDE, Sandra Patrícia. **A atuação do pedagogo em classes hospitalares**. 2012. Disponível em: <https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Ed-inclusiva-10.pdf> acesso em 23 out.2024